

Congresso se queixa de desprezo do governo

■ Preocupados, líderes governistas montam estratégia para evitar que os focos de insatisfação na Câmara e no Senado se espalhem

ILIMAR FRANCO

BRASÍLIA — O descaso dos ministros, a demora em preencher o segundo escalão e o desprezo às indicações políticas já começam a preocupar as lideranças governistas no Congresso Nacional. O descontentamento contra o governo, mesmo reconhecendo que ele só tem dois meses de vida, é uma realidade. “É natural esta insatisfação no início de governo, mas é preciso evitar que estes focos prosperem”, comentou o líder do PSDB no Senado, Sérgio Machado (CE).

O senador Elcio Álvares (PFL-ES), líder do governo, também reconhece que há muitas reclamações e já decidiu que irá conversar com cada um dos 81 senadores para saber quais são suas reivindicações. Os senadores Flaviano Melo e Nabor Junior, do PMDB do Acre, já o procuraram para reclamar do ministro da Agricultura, José Eduardo Andrade Vieira. Tradicionalmente, os dois indicam o diretor do Incra no estado, mas o ministro resolveu entregar o cargo para o governador, Orleir Cameli, que é do PPR.

Os cortes orçamentários são outra fonte de atrito permanente entre os parlamentares e o governo. Na quarta-feira, o senador Coutinho Jorge (PMDB-PA) subiu a tribuna para criticar o ministro José Serra, do Planejamento, e cobrar explicações sobre os critérios e as razões dos cortes. “Eu fui ao ministro e disse-lhe que planejar de gabinete é fácil. Há equívocos. O único trecho da Transamazônica preservado é o de menor importância”, reclamou. A decisão do ministro Paulo Renato Souza, da Educação, de repassar diretamente aos diretores de escolas e aos prefeitos os recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) também não agradou. “O governo tirou o deputado do circuito”, explicou um pemedebista.

A desatenção dos ministros com os parlamentares também é motivo de muita queixa. Há duas semanas,



Álvares vai ouvir cada senador para identificar os principais problemas

durante reunião da bancada do PSDB, os próprios tucanos reclamaram. O deputado Jovair Arantes (GO) disse que ligou doze vezes para o ministro Adib Jatene, da Saúde, e sequer recebeu retorno. Jatene desmentiu o episódio, mas ouviram-se reclamações semelhantes, sobre as dificuldades para ter acesso aos ministros José Serra e Paulo Renato Souza.

‘Salto alto’ — “O presidente está fazendo a parte dele, mas os ministros estão de *salto alto*”, reclama o deputado Gedel Vieira Lima (PMDB-BA), relator da emenda constitucional das telecomunicações e que foi protagonista de um episódio exemplar envolvendo o secretário geral da Presidência, Eduardo Jorge Caldas.

No sábado passado, Gedel foi jantar no restaurante Piantela com um grupo de parlamentares. Lá,

reconheceu um publicitário que jantava com Eduardo Jorge e foi cumprimentá-lo. Na mesa, Eduardo Jorge ignorou o parlamentar. O deputado Heráclito Fortes (PFL-PI) assistiu à cena e comentou: “Isso é um desrespeito, o Gedel é o primeiro vice-líder do PMDB”. Irritado, o pemedebista retrucou na hora: “Não tem problema, ninguém conhece ele também”. Mas se o problema de uns é não cumprimentar os parlamentares, o de outros é falar demais, segundo o senador Guilherme Palmeira (PFL-AL).

“O Bresser está falando demais. O coordenador do governo é o presidente, ele é quem tem de falar”, disse ao criticar os pronunciamentos do ministro sobre as demissões no funcionalismo. “Este tipo de postura causa desgaste, apavora. O Bresser tem que fazer mais e falar

menos”, acrescentou. O pefelista acrescenta que também tem ouvido muitas queixas contra os ministros que não respondem a telefonemas e nem marcam audiências. Mesmo admitindo o problema, o tucano Sérgio Machado pede compreensão: “A demanda de agenda dos ministros é grande. São 513 parlamentares, 81 senadores, 27 governadores e mais de quatro mil prefeitos”.

Segundo escalão — O preenchimento dos cargos também tem provocado seus dissabores, inclusive aos presidentes do PMDB, deputado Luiz Henrique (SC), e do PFL, Jorge Bornhausen. Ambos indicaram Said Miguel para uma das diretorias do Banco do Brasil, mas apesar de sua capacidade técnico, seu nome foi excluído. Além disso, outros dois aliados de Bornhausen foram afastados de seus cargos: Flávio Coelho da presidência da Embratur e Flávio Buchi da diretoria financeira da Telebrás. O não acolhimento das indicações políticas, avalia um parlamentar governista, acaba desgastando os presidentes dos partidos diante de suas bases.

“A pressão que os dirigentes partidários sofrem é muito grande”, traduziu o deputado Benedito de Lira (PFL-AL) sobre a insatisfação com a demora do governo em preencher os cargos federais em Brasília e nos estados. “Ninguém tem coragem de abrir a boca, mas está todo mundo ansioso”, concordou o deputado Luiz Carlos Hauly (PP-PR). O líder do PFL, Inocêncio Oliveira (PE), foi protagonista há uma semana de um episódio que confirma a inquietação diante da demora em distribuir os cargos. “Está aqui. Pedi ao presidente para que sejam definidos critérios para o preenchimento do segundo escalão”, disse ao apontar um papel em sua mão para dois ou três deputados do partido que queriam informações sobre sua audiência com Fernando Henrique Cardoso.